

## 21

**A confissão do zelador**

— A Espiritualidade ajuda de mil modos. Nós é que, muitas vezes, somos ingratos e não compreendemos.

Era Sebastião Mendes, zelador do templo de Espiritismo Cristão, a falar para um novo espírita.

— Veja você como me tornei adepto do Espiritismo e porque busco servir nesta casa. Há cinco anos eu frequentava assiduamente um bar no centro da cidade, onde me fiz amigo íntimo de Fulgêncio, o Fulgêncio de Abreu. Chegava e quase sempre batíamos prosa miúda num reservado. Imagine o meu pavor quando, ao procurá-lo em nosso cantinho, não encontrei senão um quadro horroroso! Fulgêncio fora assassinado. O cadáver estava de costas no piso. Grande colar de sangue no pescoço... O rosto contraído numa terrível expressão. Gritel. Muita gente acudiu... Verificámos que o pobre rapaz fora asfixiado com fina corda, além de haver recebido forte pancada no crâ-

nio... Fui o primeiro acusado e sofri pesadas humilhações na polícia... No dia seguinte, recobrei a liberdade, mas o quadro do amigo morto não me saía da cabeça... Em toda a parte, via a testa, os lábios, os olhos esbugalhados, o colar de sangue... A polícia continuou investigando e prendendo, depois de verificar que o homicídio envolvia um caso de mulher... Mas, de minha parte, nada mais soube senão que me achava quase louco... Não comia, não dormia, agarrado à impressão... Uma colega de serviço indicou-me o Espiritismo para que eu fortalecesse as ideias. Que eu frequentasse as reuniões de estudo, que recebesse passes e buscasse ajudar aos mais necessitados, angariando auxílio para mim próprio. Segui o conselho. Abracei as tarefas de nosso templo. Tentava aprender. Mastigava leituras. Ruminava palestras ouvidas. Esforçava-me para ser útil, de algum modo, aos mais necessitados do que eu. Melhorei. Voltou a paz. Depois de alguns meses, estava bom... e espírita convicto...

O ouvinte, interessado, informou:

— Por mais estranho que possa parecer, conheci muito o Fulgêncio, no bar...

— Ah! conheceu? — tornou Mendes, com olhos brilhantes.

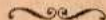
E prosseguiu:

— Pois é. No ano passado, reparei que um senhor de meia idade passou a vir às nossas

reuniões. Muito solitário, muito triste. Preocupado. Sofredor. Entrava, ouvia e saía sem dizer palavra. Depois de várias noites, interpelei-o com carinho. Estaria enfermo, cansado? E ele apenas perguntou: "Que fazer quando a consciência está condenando a gente?" Respondi-lhe que devia orar e desabafar com alguém, para começo de alívio. Com grande surpresa para mim, o homem afastou-se calado. Saiu sem despedir-se. E não mais apareceu. Depois de duas semanas, vi o retrato dele nos jornais, com extensa reportagem. O tal senhor confessava a autoria de um crime pelo qual estava sendo condenado um inocente.

Nessa altura, o novo espírita interrompeu, admirado:

- Mas não me diga!...
- E Mendes concluiu, abaixando a voz:
- E sabe qual era o crime?
- ?
- A morte de Fulgêncio de Abreu.



### Antes de chegar

Estávamos em tarefa de assistência, na grande nave aérea, que voava tranquilamente.

Lá em baixo, as montanhas mineiras mostravam a exuberância de sua vegetação.

Aqui e ali, uma nuvem a espreguiçar-se, impassível.

Lado a lado, conversavam dois amigos:

- E você que fará no Rio?
- Vou tratar da saúde.
- Você? O confidente dos "bons Espíritos"?
- Como não? São bons amigos... Mas um amigo não pode apagar nossos débitos.
- Mas, enfim, para que serve o Espiritismo?

— Ajuda-me a viver preparado.

— Para quê? — e sorriu, insolente, o companheiro sarcástico. — Vocês, religiosos, só falam em amanhã e amanhã. Mas a vida é hoje, meu caro... Ateu como sou, vivo muito melhor. Minha fazenda dá de tudo. A cor-